



da produção do artista. Essa exposição não se realizou, talvez receando a segurança que essa exposição exigiria ou o elevado custo do seguro das peças envolvidas. Sendo assim, seria de encarar um plano menos ambicioso: por exemplo, colocar uma lápide em bronze no monumento ao Gravador Molarinho, com uma legenda celebrando a passagem do I Centenário da sua morte. Sugerir há dias ao Conselho Directivo da Escola Secundária de Francisco de Holanda que chamasse a si essa iniciativa, lembrado que foi por iniciativa dos alunos dessa Escola que, em 1912, se pediu à Câmara que se desse o nome de "Gravador Molarinho" a uma das ruas da cidade.

21 de Dezembro de 2007
Fernando José Teixeira

Os Gregos diziam que um homem não morre enquanto o nome dele for recordado. Por isso, seria da mais elementar justiça que no dia 15 de Fevereiro passado Guimarães tivesse celebrado condignamente o centenário da morte do gravador Molarinho. Mas os vimaranenses nunca foram célebres pela sua gratidão.

Que eu saiba, nunca ninguém escreveu a sua biografia. Daí que apareçam, aqui e além, detractores, como aquele que, num catálogo de antigas medalhas portuguesas, em 1916, escrevia que ele "nunca passou de um artista medíocre, por falta de estudo". Os "mestres de canudo" nunca lhe perdoaram o facto de ser um "artista autodidacta". Como que para reparar essa injustiça, a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira não lhe poupou elogios: "Gravador e abridor de cunhos para medalhas, Molarinho dedicou-se desde muito novo à Gravura, em que obteve assinalável renome. Visitou a Exposição de Paris de 1875, comissionado pelo governo. Dos seus trabalhos destacam-se as medalhas do Centenário do Marquês de Pombal, mandadas cunhar pela Universidade de Coimbra; do monumento ao Rei D. Pedro IV, em Lisboa; da Real Associação dos Arquitectos e Arqueólogos Portugueses, do monumento ao Rei D. Pedro IV, no Porto, do Palácio de Cristal, da Inauguração da Ponte de D. Maria Pia, do Centenário do nascimento do Infante D. Henrique, e de muitas outras".

Molarinho foi, de facto, um primoroso escultor apesar de não ter estudos, sendo conhecido sobretudo pela excelência das suas gravuras. Por esse motivo, que o digam os coleccionadores, as suas obras são, e sempre foram, muitíssimo apreciadas.

Resumindo o que os jornais publicaram nestes cem anos, diremos que o

nosso artista chamava-se José Arnaldo Nogueira Molarinho e nasceu em Guimarães no dia 25 de Setembro de 1828 no prédio nº 122 da rua das Lamelas, hoje rua Gravador Molarinho. Era filho de um ourives e viveu em Guimarães até aos vinte anos, altura em que foi para o Porto onde trabalhou como ourives durante uma dezena de anos. Passou então a dedicar-se à gravura de medalhas, actividade a que se manteve fiel até ao fim da sua vida.

Um seu contemporâneo dizia: "Era natural de Guimarães, com o que muito se orgulhava, pois tinha grande amor à sua terra, embora dela andasse arredio quase toda a sua vida...Viveu sempre só... nunca o vi ser servido por ninguém, aparte uma mulher que o abastecia de água e lhe ia buscar comida, raras vezes, porque ele habitualmente manipulava a sua alimentação... Os recursos nunca lhe abundaram e muitas vezes tinha absoluta falta deles...Acusavam-no de ser pouco metódico e mesmo de desregrado na administração do seu dinheiro. Havia mesmo quem o arguísse de ser pouco trabalhador pelo facto de o verem a cada momento à porta da sua habitação conversando com quem passava...A gravura a buril e a punção exigem um esforço extenuante e não é serviço que possa fazer-se por muito tempo... Mesmo que o pulso se não fatigue, há um órgão que precisa irremediavelmente de descanso pela sua fatigante aplicação: a vista... Muitas vezes o Molarinho não trabalhava pela mais triste de todas as razões - porque não tinha que fazer. A cunhagem das medalhas é

rara entre nós. A não ser que haja qualquer exposição, o que se não dá com frequência, poucas encomendas se fazem dessa modalidade artística...".

Outro contemporâneo retratou-o assim: "Era um homem alto, levemente moreno, elegante, de grandes



suis-brancas, vestindo sempre uma irrepreensível sobrecasaca preta e usando sempre chapéu alto, de abas completamente direitas. A primeira vez que o vi foi numa noite no café Águia d'Ouro, sentado a uma mesa com os grandes actores Augusto e João Rosa. Dizem os jornais da data do seu falecimento, e os seus amigos mais íntimos, que conversava admiravelmente: era de crer, pois ele acompanhava, no Porto e em Lisboa, com os melhores artistas do seu tempo".

Faleceu em 15 de Fevereiro de 1907. Em 1912 foi noticiado que os alunos da Escola Industrial de Francisco de Holanda pediram à Câmara Municipal de Guimarães que fosse dado o nome de "rua do Gravador Molarinho" à rua das Lamelas, onde Molarinho nascera. E assim aconteceu: o seu nome foi ins-

crito na toponímia da cidade.

Em Maio de 1933, a imprensa noticiou que a Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, por iniciativa de A. L. de Carvalho, se propunha erigir um monumento em homenagem a Molarinho. No dia 4 de Julho de 1935, foi inaugurado o monumento em sua honra no largo da Condessa do Juncal, baixo-relevo de Teixeira Lopes e monumento de António de Azevedo - dois dos maiores escultores do seu tempo.

Em Março de 1940, diversas personalidades, entre os quais A. L. de Carvalho, chamaram a atenção da Comissão de Estética para a conveniência de o referido monumento ser mudado para o antigo Largo dos Laranjais, em vias de urbanização, mas o parecer dessa Comissão aconselhou a que o mantivessem no lugar onde se encontrava. Mas ele não estava no local ideal, tanto assim que, em meados de 1952, o monumento foi transferido para o topo nascente do largo da Condessa do Juncal, com o aplauso da imprensa local. Ainda hoje lá se encontram

Passando em 2007 o Centenário da morte de Molarinho, seria de esperar que as autoridades responsáveis pela cultura realizassem uma comemoração condigna da efeméride. E o ideal seria que se fizesse uma exposição das suas medalhas. Não seria necessário buscar material fora de portas, pois temos em Guimarães a excelente colecção de Raimundo Fernandes que integra a quase totalidade

Centenário do Gravador Molarinho

No passado dia 15 de Fevereiro, por iniciativa das Juntas de Freguesias de Oliveira do Castelo, de S. Paio e de S. Sebastião, celebrou-se o encerramento do ano Centenário da Morte do Gravador Molarinho.

Às 17 horas, com a presença do Vereador, Dr. César Machado, que em nome da Câmara Municipal, se associou à cerimónia, foi deposto um ramo de flores no monumento a Molarinho, na base do monumento que honra a sua memória no largo da Condessa do Juncal. Os promotores da homenagem justificaram a iniciativa referindo as qualidades humanas e artísticas do homenageado. Fernando José Teixeira fez depois uma alocução recordando que este ano, em 27 de Setembro, passará o

180º aniversário do nascimento deste insigne artista e lembrou a conveniência

de se realizar nessa altura uma grande exposição das medalhas de Molarinho do



coleccionador vimaranense, Senhor Raimundo Fernandes, salientando que a

melhor forma de homenagear um artista é apresentar em público as suas



obras. Encerrou a sessão o Vereador Senhor Dr. César Machado, que justificou a ausência da Presidente da Câmara e deu os parabéns às Juntas de Freguesia pela oportunidade

desta homenagem.

Às 21.30 horas, na sede das Juntas de Freguesia da

Cidade, realizou-se a anunciada conferência do Senhor Fernando José Teixeira onde, perante numerosa assistência, se traçou a biografia do artista, nascido em Guimarães e que, instalando-se com a família na cidade do Porto, a gravou muitas das melho-

res e das mais belas medalhas gravadas nos finais do século XIX. Fez referência ao círculo de intelectuais com quem conviveu no Café Águia d'Ouro, ao seu aspecto físico imponente, aos seus hábitos simples, ao relacionamento cordial que sempre teve com os seus familiares e às provas de consideração que recebeu da rainha D. Maria Pia e do Príncipe Consorte, D. Fernando. Fez, em seguida, uma desenvolvida referência às homenagens que Guimarães lhe dispensou após a sua morte, dando o nome de "Gravador Molarinho" à rua em que nasceu e erguendo no largo da Condessa do Juncal o monumento em sua honra, obra dos escultores Antónino de Azevedo e Teixeira Lopes. Terminou, apelando para que Guimarães não deixe passar os 180 anos do seu nascimento sem que se faça a grande exposição das medalhas de Molarinho que há muito se impõe.